

DROGAS, FESTIVAIS E ROCK NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA – 1970/1975

DRUGS, FESTIVALS AND ROCK IN BRAZILIAN AND PORTUGUESE PRESS - 1970/1975

Paulo Gustavo da Encarnação¹

RESUMO: Os festivais roqueiros a partir de fins dos anos 1960 se tornaram um fenômeno de escala mundial e, conseqüentemente, atraíram a atenção dos jornais. Desse modo, este artigo tem como objetivo tratar e refletir comparativa e historicamente como as imprensas brasileira e a portuguesa abordaram, em suas respectivas páginas, a relação entre drogas, festivais e rock no período compreendido entre 1970 a 1975. Intrinsecamente, analisamos o papel e a importância social, cultural e politicamente dos festivais roqueiros em tempos de ditaduras, tanto em terras brasileiras quanto além-mar. Para tanto, utilizamos, em maior grau, materiais dos jornais brasileiros *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *a Folha de S. Paulo* e, em menor escala, os jornais lisboetas *Diário de Notícias* e *Diário Popular*, assim como nos valem de dois relatórios dos órgãos de investigação de ambos governos.

Palavras-chave: drogas; festivais; rock.

ABSTRACT: Rock festivals from the late 1960s onwards became a worldwide phenomenon and consequently attracted the attention of newspapers. Thus, this paper intends to discuss comparatively and historically how Brazilian and Portuguese press approached the relationship between drugs, festivals and rock in the period from 1970 to 1975. Intrinsically, we analyze the social, cultural and political roles and importance of rock festivals in times of dictatorship, both in Brazilian lands and overseas. To that end, we use, to a greater extent, material from the Brazilian newspapers *Jornal do Brasil*, *O Globo* and *Folha de S. Paulo* and, to a lesser extent, the Lisbon newspapers *Diário de Notícias* and *Diário Popular*, as well as using two reports from the investigative bodies from both governments.

Keywords: drugs; festivals; Rock'n'Roll.

1 Doutor em História pela FCL/Unesp-Assis. Pós-doutorando pelo PPGH/PUC/SP, bolsista Capes. Autor, entre outras publicações, do livro: *Rock cá, rock lá: a produção roqueira no Brasil e em Portugal na imprensa –1970/1985*. 1. ed. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2018. E-mail: pgustavoe@yahoo.com.br

Introdução

“As drogas ‘leves’ como (maconha e LSD), os cabelos longos, as comunidades, a paz, o amor romântico, o amor livre, as flores, o *rock* psicodélico e o *acid rock* foram os aspectos divulgados pela imprensa” (SHUKER, 1999, p. 80).

O lema roqueiro “sexo, drogas e *rock and roll*” permeia, há muitas décadas, a imaginação de parte de músicos, críticos musicais, agentes da indústria fonográfica e, sobretudo, de uma parcela de fãs do universo do *rock*. O próprio *slogan* faz parte, ora com maior intensidade, ora com menor proporção, do mito que se construiu em torno *rock*. Muita da imagem do roqueiro, por exemplo, durante os anos 1960 e 1970 foi muito associada a partir de referências dos The Beatles, Rolling Stones, de bandas do *rock psicodélico*, de *hard rock* e das associações com comportamentos do movimento *hippie* e da contracultura. Ainda nos anos 1970 e durante os 1980, outros atributos foram somados à imagem e ao estereótipo em decorrência da popularização, em diversas partes do mundo, do *heavy metal* e do *punk rock*, inclusive muitos deles se mantendo até os dias atuais no senso comum sobre o *rock* e o roqueiro (ENCARNAÇÃO, 2018, p. 74).

O *rock*², especialmente, a partir do início da década de 1960 foi sendo também associado às drogas como, na mesma medida, foi incorporando tal estereótipo comportamental. É uma mão de via dupla, o gênero musical incorporou, em certa medida, tal imagem, assim como foi sendo incorporado pela mídia, fãs, músicos e detratores do estilo musical. A segunda metade dos anos 1960, especialmente, com os *hippies* e a contracultura foi uma ebulição política que misturava *rock*, comportamento, drogas, liberação sexual e utopia. Desde seu surgimento, e com especial destaque para os anos 1970, o *rock* no mundo, nesse período, acabou sendo, em parte, também associado à violência e, inclusive, à morte, sejam as de músicos, como Janis Joplin, Jimi Hendrix, Jim Morrison, Brian Jones, entre outros, sejam as de fãs, geralmente relacionadas ou ocorridas em participação deles em festivais ou shows de *rock*, como também com as drogas, um prato cheio para seus detratores (ENCARNAÇÃO, 2018).

Canções que apresentam como mote as drogas são frequentes no universo roqueiro. Um estilo do *rock*, ainda na década de 1960, ganha a alcunha de *acid rock*, por mesclar experimentos roqueiros com o uso de entorpecentes. Segundo Roy Shuker, “o termo *rock* psicodélico descreve o *rock* inspirado ou relacionado com a experiência induzida pelo uso de substâncias psicoativas”. Como por exemplo o LSD, “droga utilizada para a ‘expansão’ da mente, era comumente chamado de ‘ácido’” (SHUKER, 1999, p. 244-245). Respalado no estudo de S. Whiteley (1992), Shuker destaca que diversas canções desse estilo referiam-se, suposta ou assumidamente, às drogas, como as canções “Tomorrow Never Knows” e “Strawberry Fields Forever”, dos Beatles, referindo-se à “codi-

2 O *rock and roll* nasceu da mistura de alguns ingredientes e da “miscigenação” da música americana, ou seja, do *rhythm & blues*, derivado do *blues* rural, e tendo acompanhamento de guitarras elétricas, dos guetos negros das grandes cidades americanas, mais o *country* que era a música rural do “branco pobre” dos Estados Unidos e o *western* do Oeste. A partir de 1963, especialmente com os The Beatles, o gênero passa a ser conhecido e denominado como *rock* por abranger e captar vários ritmos e tendências musicais. Portanto, “*rock* é um rótulo para a imensa variedade de estilos desenvolvidos a partir do *rock and roll*” (SHUKER, 1999, p. 249). Ver em especial: (CHACON, 1995); (FRIEDLANDER, 2003); (MUGGIATI, 1981).

ficção do LSD” presentes nas letras. O movimento *hippie*, por exemplo, ajudou a ampliar a caixa acústica desse elo. Conforme Shuker, “as drogas ‘leves’ como (maconha e LSD), os cabelos longos, as comunidades, a paz, o amor romântico, o amor livre, as flores, o *rock* psicodélico e o *acid rock* foram os aspectos divulgados pela imprensa”. E a “a preferência dos *hippies* pelo *rock* psicodélico era coerente com os outros valores da subcultura, particularmente o desejo de ‘voltar ao passado’ e o uso de drogas” (SHUKER, 1999, p. 80).

É importante frisar que há várias histórias e também muitas lendas envolvendo músicos roqueiros e o uso de diversos entorpecentes, e, não convém, muito menos é nosso propósito analisar e detalhar essa relação neste artigo. Uma história, talvez uma das mais conhecidas, envolveu Bob Dylan e os The Beatles num encontro em 1964/65. Segundo Rodrigo Merheb, Bob Dylan ficou incrédulo ao saber que os quatro músicos jamais haviam fumado maconha. O cantor de *folk* e *rock* chegou a perguntar aos ingleses: “‘E aquela canção em que vocês repetem o tempo todo *I get high* (Eu fico alto)’. John Lennon, meio constrangido, explicou que a letra de “*I want to hold your hand*” na realidade dizia, em bom sotaque de Liverpool, *I can’t hide* (Não posso esconder)” (MERHEB, 2012, p. 30-31). Desse encontro, segundo consta, Bob Dylan não só apontou novos horizontes musicais para os The Beatles, como apresentou-lhes outra ponta extramusical: a maconha.

Várias bandas e cantores do *rock* estrangeiro trataram do tema em suas canções e ou mesmo abordaram a questão em suas entrevistas na imprensa. Dos ingleses The Beatles ao Black Sabbath, da bandas mais recentes, o mote dos entorpecentes volta e meia é retratado em versos. E no caso do *rock* brasileiro e português, a questão também não passou em branco. Dos Mutantes a Raul Seixas, de Cazuza a Legião Urbana a temática das drogas ressoou em suas canções, bem como, vale destacar, que o uso e a posse dos entorpecentes foram caso de polícia e estampou algumas páginas de jornal. Como por exemplo, o caso dos roqueiros Arnaldo Antunes e Tony Bellotto, ambos dos Titãs, em meados da década de 1980. Ou mesmo a prisão de Lobão por porte de drogas. Em Portugal, bandas como UHF e Rui Veloso também trataram da temática.

Vale destacar que a suposta ligação entre drogas e música não é exclusividade do universo roqueiro, bem como não é algo inédito no campo musical. Para não ampliar muito a discussão, basta pesquisar e ouvir as histórias de músicos, inclusive suas composições, do *blues* e do *jazz*. O sociólogo Howard Becker, em *Outsiders*, por exemplo, pesquisou e dedicou ainda nos anos 1960, alguns capítulos de seu livro para refletir a relação entre músicos e drogas, no caso em tela, os praticantes do *jazz* e o uso da maconha (BECKER, 2008).

O tema das drogas é muito envolto por invólucros e representações que a sociedade construiu e continua a construir a respeito do assunto. A temática é um grande tabu que impera nas discussões e debates que cerceiam o objeto. Nunca é demais enfatizar que o caso das drogas é pouco discutido nas sociedades, mesmo sendo caso de saúde pública, bem como de âmbito social, comportamental e conseqüentemente da política, as discussões que cerceiam o tema, na maioria das vezes, é enviesado apenas pelo viés policial e judiciário. É importante destacar que o objetivo do artigo não é ocupar um posicionamento maniqueísta a respeito do tema, ou seja, demonizar o tema e muito menos ser o bastião da salvaguarda e/ou o porta-estandarte das drogas.

Nosso objetivo é analisar comparativamente, por meio de matérias publicadas na imprensa

brasileira e portuguesa, duas questões. Primeiro, como a relação entre *rock* e drogas, sobretudo em matérias que destacavam os festivais e shows de *rock*, foram noticiadas nas páginas dos jornais? E, concomitantemente, qual a importância social e política dos festivais roqueiros tanto no Brasil quanto em Portugal no período?

Vale destacar algumas notas a respeito da seleção das fontes. Devido ao maior número de matérias publicadas na imprensa brasileira, daremos mais destaque e atenção no processo de análise do *corpus* documental produzido pelos periódicos cá em comparação às publicações além-mar. O maior número de matérias brasileiras se deve ao fato de que em solo nacional ter ocorrido mais iniciativas em termos de realização de festivais de roqueiros. Embora em Portugal encontramos poucas matérias jornalísticas e, do mesmo modo, houve apenas um evento no período, o Festival Vilar de Mouros, de 1971, é salutar e de grande importância em termos comparativos, uma vez que foi, além do primeiro evento no país, um dos mais importantes na história portuguesa e chamou atenção dos agentes oficiais do governo lusitano. Ademais, o exemplo da imprensa portuguesa não só ilustra, mas reforça nosso argumento que tal discussão não foi um acontecimento único e restrito ao Brasil.

Desse modo utilizamos com maior destaque, em termos quantitativos e analíticos, materiais dos jornais brasileiros *Jornal do Brasil*, *O Globo* e a *Folha de S. Paulo*. Embora em menor número, e não menos importante, selecionamos os jornais lisboetas *Diário de Notícias* e *Diário Popular* no período compreendido entre 1970 a 1975. Por fim, valemo-nos de dois relatórios dos órgãos de investigação de ambos governos.

Cumpramos destacar que alicerçamos nossa análise sobre o suposto elo entre *rock* e sua ligação intrínseca com as drogas, sobretudo em eventos roqueiros, por meio do conceito de representação, sobretudo a partir de reflexões de Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Buscamos compreender a construção ou a tentativa de afirmação dessa representação nos periódicos de grande circulação no Brasil e em Portugal nas décadas de 1970 a meados da 1980. Pierre Bourdieu reflete que a mídia é fonte construtora de produtos e representações de realidade no mundo social (BOURDIEU, 1989). Em diálogo com Bourdieu, Roger Chartier propõe uma sociologia histórica das práticas sociais e/ou uma história cultural do social que “tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1990, p. 19). Para Chartier, uma representação é variável, posto que decorrente da disposição do grupo e/ou classe social que a engendra. Contudo, ela aspira à universalidade, ainda que encetada por interesses grupais, os quais são atravessados por relações de poder e dominação, quer no interior do grupo e/ou classe social, quer no contato com os demais grupos sociais que compõem a sociedade. Logo, uma representação não é um discurso neutro, posto que aspira impor uma visão social particular de mundo como geral, sempre dentro de um campo de luta e de concorrência. Daí, tal luta ser considerada pelo historiador tão válida e crucial como a luta econômica, sendo seus conflitos tão mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17). Assim, o conceito de ‘representação’ colaborará para que possamos observar quais as classificações que se engendrou ou reproduziu para classificar o *rock*, o que em síntese quer dizer quais subsídios foram criados

ou reproduzidos para que os leitores/ouvintes pudessem compartilhar categorias de percepção da história da música popular, especificamente o *rock*, como dotado e constituído de sentidos utilizados para tanto, além do posicionamento sociocultural dos agentes envolvidos no campo musical e midiático. Ademais, tal representação, como veremos, como qualquer representação, é fruto de construção sócio histórico, dessa forma, envolveu diversos agentes, como: músicos, empresários, departamento de *marketing*, fãs de *rock*, críticos musicais e jornalistas.

Festivais de *rock* e as drogas nas páginas da imprensa brasileira e portuguesa

“(...) aliciamento, envolvimento e dependência química da juventude, tornando-a escrava da droga para, mediante chantagem e comprometimento, formá-la como novos informantes e agentes fiéis do comunismo” (*Super Interessante*, nov. 2004).

O festival³ Woodstock, que completou em 2019 cinquenta anos de sua primeira edição, foi o evento musical mais marcante e importante para o universo roqueiro e viria a se tornar referência e inspiração para várias iniciativas do gênero em vários cantos do mundo, e, já na época, tornava-se símbolo da comunhão, da liberdade, dos ideais de “paz e amor” e de protesto contra a Guerra Do Vietnã⁴. Inicialmente idealizado para se realizar na cidade de Woodstock, o festival ocorreu entre os dias 15 e 18 de agosto de 1969 numa fazenda na cidade de Bethel. Antes dessa iniciativa, já havia ocorrido, por exemplo, o Festival de Monterrey (1967), “uma cidade litorânea no sul da Califórnia que foi entronizada como capital do *rock* durante três dias” (MERHEB, 2012, p. 203), que chegou a atrair cerca de 200 mil frequentadores (FLÉCHET, 2011, p. 261), já Woodstock atrairia o dobro de frequentadores em relação ao festival de Monterrey. Devemos considerar também outro fator importante de divulgação e recepção do festival, a TV. Em pleno domingo de 18 de agosto de 1969, os espectadores tiveram a oportunidade de acompanhar o evento. De acordo com a pesquisadora francesa Fléchet, é importante destacar não só o público presente nos festivais⁵, mas “considerar as pessoas que assistiram aos shows pela televisão. A partir dos anos 60, as possibilidades técnicas de transmissão multiplicaram o impacto dos festivais, que foram vistos ao mesmo tempo em vários países do mundo (seja em parte, seja na totalidade)”. Fléchet ainda destaca que as inovações e as transformações técnicas televisivas “deram um novo impulso aos festivais que ganharam visibilidade

3 “O primeiro ‘festival’ foi criado por Wagner, em Bayreuth, em 1876. E os festivais de música erudita conheceram uma primeira idade de ouro no período do entre guerras, com a criação do festival de Salzbourg, na cidade natal de Mozart. Em relação às músicas populares, os primeiros festivais foram criados na França e nos Estados Unidos logo depois da Segunda Guerra Mundial, a fim de divulgar as novidades jazzísticas da época. Na canção, o primeiro evento de grande porte foi o festival de San Remo, criado na Itália, em 1954. Existe, então, uma história dos festivais de música anterior à década de 1960. Todavia, os anos 60 e 70 são geralmente considerados como o período de ‘nascimento’ dos festivais de música popular” (FLÉCHET, 2011, p. 260).

4 Sobre o Festival Woodstock e seus desdobramentos, inclusive incidentes e os problemas ocorridos, ver (MERHEB, 2012).

5 Vale destacar que a pesquisadora em seu artigo não trata apenas dos festivais de *rock*, mas se ocupa de vários estilos e gêneros da música popular.

no nível internacional e contribuíram para a criação de uma nova cultura jovem, além das fronteiras culturais tradicionais” (FLÉCHET, 2011, p. 261).

Com bem reflete a pesquisadora Anais Fléchet,

todos os festivais beneficiam de uma ampla midiaticização. O papel da mídia os transforma em “eventos mundos” segundo a expressão do historiador Jean-François Sirinelli (2002), ou seja, em momentos vetores de emoções coletivas vividas, simultaneamente, em vários lugares do planeta. Enfim, os festivais contribuíram para a elaboração de um novo calendário cultural, com a multiplicação de turnês internacionais e a criação de “temporadas” específicas, como a temporada dos “festivais de verão” na Europa por exemplo. Esses elementos contribuíram para a definição de uma “cultura dos festivais” que constitui um elo entre os diferentes festivais de música (FLÉCHET, 2011, p. 261)⁶.

Partindo da reflexão de François Sirinelli, citada por Fléchet, em que a mídia transforma, por exemplo, os festivais em “eventos mundos”, podemos pensar também as representações que foram se construindo na imprensa a respeito do festivais de rock, ou seja, o posicionamento que associava rock e drogas e outra que buscava justamente quebrar com essa associação. Do mesmo modo, refletimos a importância dos eventos em termos sociais, culturais e político dos eventos roqueiros. Alguns ingredientes e temperos fizeram parte e se misturavam ao caldeirão dos festivais, como contracultura, rebeldia, *hippies*, aglomeração de jovens, entretenimento, lazer, rock e drogas. Sim, as drogas. É importante frisar que o consumo das drogas por uma parcela de frequentadores foi um fato, uma realidade que ocorreu em alguns festivais de rock. Mas, será mesmo que foi pelo suposto motivos das drogas que alguns festivais foram proibidos, notadamente no Brasil durante o regime militar, como o festival Hallelujah? Muitas vezes, essa uma mistura “exótica” não era bem quista para muitas autoridades de vários países, tanto os que eram considerados democráticos quanto em nações que viviam em regimes ditatoriais. Como bem reflete Ana Rocha e Fernando Rodrigues,

os concertos se constituíam sobre pólos de reivindicações específicas – luta contra a autoridade, contra a hierarquia, contra o conservadorismo, contra o conformismo; a exigência de liberdade sexual; reivindicações de criatividade, de prazer, de direito ao imaginário; avanço da contracultura; enfim, uma recusa geral do culto da produção-consumo, do trabalho, tudo isto a favor de uma “arte de viver” (ROCHA; RODRIGUES, 1983, p. 20).

Vejamos algumas notas, matérias, reportagens e manchetes a respeito de festivais/shows de rock e drogas nas páginas da imprensa brasileira e portuguesa.

Feriado de 1º. de janeiro de 1970, Brasil. O leitor que folheasse as páginas do jornal *Folha de S. Paulo* muito provavelmente poderia ler a pequena matéria, traduzida de uma agência internacional de notícias, “Um morto e muitos presos no festival de rock”. As primeiras linhas destacavam “um morto, quarenta e sete detidos, um corte de energia devido a uma falha no sistema elétrico, um espetáculo cancelado e prejuízos financeiros foi o saldo do festival de “Rock Miami-Hollywood”

⁶ SIRINELLI, Jean-François. *L'événement-monde*. Vingtième siècle. Revue d'histoire. 2002.

(*Folha de S. Paulo*, 01/01/1970). Segundo a matéria, o chefe da Polícia do Condado de Broward, Ed Satch, declarou que a maioria dos presos no festival foram por posse de drogas. O mesmo leitor do jornal paulista teria a oportunidade de ler em 16 de janeiro de 1970 a matéria "Drogas nos EUA: nova religião para milhares de jovens". Com uma foto do de Bob Dylan e a legenda "Bob Dylan, cantor dos prazeres da droga, das maravilhas artificiais 'inacessíveis ao resto dos homens'", a matéria sobre o consumo de drogas entre jovens destacava que, segundo a matéria, mais de 90% dos 400 mil jovens que participaram do festival de Woodstock "fumavam abertamente maconha, enquanto seus ídolos cantavam as maravilhas dos paraísos artificiais, maravilhas inacessíveis ao 'resto dos homens', como lembra uma canção de Bob Dylan". A matéria ainda destacava que os cantores e músicos roqueiros eram os grandes "sacerdotes da nova religião a cantarem a erva mágica" (*Folha de S. Paulo*, 16/01/1970).

Em Portugal, que vivia sob o governo de Marcelo Caetano, sucessor de António Oliveira Salazar, o jornal *Diário de Notícias*, defensor do regime do Estado Novo, publicou um pequeno editorial da seção "Vidas Artísticas" intitulado "Um festival de underground music", em 10 de janeiro de 1970. A redação do jornal *Diário de Notícias* comentava sobre o festival que ocorreria em Olympia de Paris e destacava que por "onde têm passado tantos espectadores e tão famosas atrações, vai consagrar seis dias à pop music", e pelo evento se apresentariam *Moody Blues*, *Richie Heavens*, *Manfred Man*, *Canned Heat*, entre outras bandas e cantores. Após tecer em poucas linhas os estilos das bandas que passariam pelo festival, o editorial do jornal português registrava acidamente sua opinião a respeito do evento e sobre uma parcela dos fãs de rock, alcunhada, pejorativamente, "vagabundos":

Este tipo de música está em voga entre os "hippies" e afins. Para os ouvir, esses vagabundos dos negros dias fazem longas peregrinações, assentam arraiais ao ar livre, e ali se quedam entre nuvens de "marijuanas" e de incenso. Ao festival de "undregrounnd music" não faltarão espectadores, pois a imensa maioria da juventude delira com estes ritmos executados por "virtuosos" cabeludos da guitarra elétrica. E, se houver cadeiras partidas, Bruno Coquatrix não terá preocupações da maior... O público mais fanático da "pop music" está habituado a ouvi-lo sentado no chão... (*Diário de Notícias*, 10/01/1970).

Em 14 de abril de 1970, em sua seção "Vida artística", o *Diário de Notícias* trazia o seguinte editorial denominado "Nota de abertura": "O fim dos Beatles". Embora não se relacione com festivais e shows estritamente de rock, o editorial do caderno cultural não desperdiçou a oportunidade de relacionar a expansão do consumo de drogas entre os jovens com o rock, no caso em tela, os The Beatles. Após detalhar algumas "influências" culturais e comportamentais dos músicos ingleses, o periódico comentou sobre a contribuição dos Beatles em relação a generalização do uso das drogas, bem como destilou, no mínimo, fortes, preconceituosas e ácidas críticas à Yoko Ono, companheira de Lennon.

Os Beatles morreram. Segundo alguns, já há muito tinham dado o último suspiro. O famoso agrupamento musical, que foi a coqueluche da juventude de uma época, com influência decisiva na indumentária, na moda dos cabelos compridos, no direito de voto para os 18 anos, e que contribuiu para generalizar, entre a gente moça, outras

práticas mais perigosas como o uso das droga. [...] John Lennon, o autor das letras, casou-se com esse horror oriental que dá pelo nome de Yoko Ono e consagrou-se ao pacifismo (*Diário de Notícias*, 14/04/1970).

O mesmo *Diário de Notícias*, que chamou os *hippies* de “vagabundos dos negros dias” e Yoko Ono de “horror oriental” e “comemorava” o fim dos Beatles, publicou outra matéria, em 9 de agosto de 1970, intitulada “Outro festival de rock que promete...” Nesta reproduzia um pequeno texto que destacava as instruções do Chefe de Polícia local de Goose Lake, no estado norte-americano de Michigan, a respeito de um festival de rock que ocorreria num parque particular: “Deixem os jovens em paz. Não me interessa absolutamente nada o que vão fazer, desde que façam numa propriedade privada”. De acordo com o periódico, as previsões da polícia era que mais jovens de estados vizinhos e do Canadá iriam para três dias de “rock, drogas, bebidas alcólicas e natação (sem fato de banho) no lago”. O jornal ainda comentava que foram feitas cerca de 60 prisões por posse ilegal de drogas fora do parque pela polícia. Já no interior do recinto, “os vendedores de marijuana e outros produtos semelhantes circulam livremente” (*Diário de Notícias*, 09/08/1970).

Durante os anos 1970, diversos festivais ocorreram em todo mundo e muitos outros eventos foram proibidos pelas autoridades. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde vários festivais foram realizados e se notabilizaram mundialmente como uma marca, em alguns estados americanos as autoridades tomaram medidas drásticas e proibiram qualquer espécie de festival de rock, como o estado de Iowa. Em agosto de 1970, na cidade de Middlefield, um juiz federal proibiu a realização de um festival na cidade⁷. Em várias localidades pelo mundo foram proibidos e censurados os festivais de rock. Associações/representações constantes com violência, morte e drogas deram a tônica nessa escala de festivais. Em países como Líbano, Estados Unidos, França, México, e/ou mesmo parcialmente como na Colômbia e Inglaterra houve proibições de eventos roqueiros. Na Colômbia, por exemplo, aconteceu um caso inusitado e digno de nota. Segundo Hernandez, L’Hoeste e Zolov, em 1971, o prefeito de Medellín, pressionado por alguns setores da sociedade, como a Igreja Católica, renunciou ao cargo após ter permitido que um grande festival de rock se realizasse na cidade de Ancón. Embora a cidade ficasse exatamente do lado de fora de Medellín, foi o prefeito de Medellín que acabou recebendo as pressões (HERNANDEZ; L’HOESTE; ZOLOV, 2004, p. 2). No México, ainda segundo os autores, festivais musicais ao ar livre foram proibidos em 1971, após a realização de um grande festival naquele estilo. A proibição mexicana perduraria por mais de uma década (ENCARNAÇÃO, 2018, p. 131).

A preocupação de autoridades, por exemplo portuguesa e brasileira, durante os períodos de regimes autoritários foram uma constante. Embora Marcos Napolitano esteja comentando sobre os festivais de MPB, suas reflexões sobre a “capacidade de aglutinação” dos eventos e festivais, permite-nos refletir sobre a aglomeração de pessoas/espectadores em festivais de rock. Para o historiador, a esfera da cultura brasileira

era vista como suspeição a priori, meio onde os “comunistas” e “subversivos” estariam particularmente infiltrados, procurando confundir o cidadão “inocente útil”. Den-

⁷ Ver mais em *Diário Popular*, 01/08/1970 e *Diário de Notícias* 09/08/1970.

tro dessa esfera, o campo musical destacava-se como alvo da vigilância, sobretudo os artistas e eventos ligados a MPB (Música Popular Brasileira), sigla que desde meados de 1960 congregava a música de matriz nacional-popular (ampliada a partir de 1968, na direção de outras matrizes culturais, como o *pop*), declaradamente crítica ao regime militar. Capacidade de aglutinação de pessoas em torno dos eventos musicais era uma das preocupações constantes dos agentes da repressão (NAPOLITANO, 2004, p. 105).

Mesmo que em Portugal tenha se realizado menos festivais durante os primeiros anos dos anos 1970 em relação ao Brasil, notas, reportagens e manchetes sobre festivais pelo mundo, como já destacamos, por exemplo, em páginas anteriores foram publicadas. E no ano de 1971 ocorreu o primeiro grande e marcante festival de *pop rock* em Portugal. Em agosto de 1971 ocorria o Festival de Vilar de Mouros inspirado na experiência de Woodstock. Organizado pelo médico António Barge, o Festival de Vilar de Mouros ocorreu nos finais de semana entre os dias 31 de julho a 15 de agosto. O primeiro fim de semana foi dedicado à música erudita e, no encerramento, dias 14 e 15 de agosto, apresentaram-se Duo Ouro Negro e a cantora de fado Amália Rodrigues. Apresentaram-se também Elton John (este como a grande estrela do evento) e *Manfred Mann* e as bandas portuguesas *Sindikato*, *Cellos*, *Pop Five Music Incorporated*, *Psico*, *Bridge*, *Quarteto 1111*, *Pentágono*, *Objectivo*, *Chinchilas* e *Contacto*⁸. O cartaz desse final de semana anunciava: “Festival Internacional de Música Moderna”.

O festival ocorreu durante o regime do Estado Novo sob o governo de Marcelo Caetano. Integrantes da Direção Geral de Segurança (DGS), antiga Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), e um pelotão da Guarda Nacional Republicana (GNR) marcaram presença no festival⁹. No relatório de um informante disfarçado no festival é possível perceber algumas notas sobre o comportamento do público e a preocupação do agente quanto à manifestação política.

<<Informação nº 226-C.I.(I)

Distribuição: Presidência do Conselho, Ministério do Interior, Ministério da Educação Nacional

Assunto: Festival de música “Pop” em Vilar de Mouros

[...] Entre outros havia: crianças de olhar parado indiferentes a tudo. Grupo de homens, de mão na mão, a dançar de roda. Um rapaz deitado, com as calças abaixadas no traseiro. Um sujeito tão drogado que teve de ser levado em braços, com rigidez nos músculos. Relações sexuais entre 2 pares, todos debaixo do mesmo cobertor na zona mais iluminada. Sujeitos que corriam aos gritos para todos os lados. [...]“Viam-se algumas bandeiras. Uma vermelha com uma mão amarela aberta no meio (um dos símbolos usados na América pelos anarquistas); outra branca, com a inscrição “somos do Porto” com raios a vermelho e uma estrela preta”. Na apresentação da

⁸ Os *Beatles*, *Rolling Stones* e *Pink Floyd* foram as primeiras bandas escolhidas. Os *Beatles* (que iriam custar cerca de 1000 contos) acabariam por se separar antes da contratação. Os *Rolling Stones*, *Pink Floyd* e outros como *Moody Blues* e *Cat Stevens* não tinham datas disponíveis.

⁹ A DGS foi criada no governo de Marcelo Caetano para substituir a antiga Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Segundo Kenneth Maxwell, “a infame polícia secreta (PIDE) passou a chamar-se DGS. A censura recebeu o nome de “exame prévio” (MAXWELL, 1999, p. 58).

banda *Manfred Mann*, o membro esmiudou pontos da plateia e alusões aos posicionamentos políticos do conjunto musical, "Houve gritos de Angola é... (qualquer coisa) durante a actuação do conjunto Manfred Mann (de que faz parte um comunista declarado, crê-se que chamado Hugg)" (Disponível em: <http://www.sabado.pt/>. Acesso em: 16/11/2010).

Já em terras brasileiras, dois festivais nos chamaram a atenção a respeito da relação/associação entre *rock* e drogas. Vejamos o primeiro caso. Em 31 de março de 1975, data que o golpe civil e militar completava onze anos de existência, uma matéria publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo* intitulada "Hallelujah, o festival proibido", de autoria de Carlos A. Gouvêa, iniciava o texto comentando a decepção de centenas de jovens de diversos estados que tinham viajado para a cidade de São Paulo para acompanharem o festival de *rock* Hallelujah. Ao chegarem ao local do evento, o Autódromo de Interlagos, deparam-se com os portões fechados e a informação de funcionários que o show de *rock* havia sido suspenso. Segundo a matéria, a Secretaria de Segurança Pública havia proibido o evento sob a alegação que faltava o certificado do Departamento de Diversões Públicas. De acordo com os responsáveis pela organização, o fato da proibição do evento ter se consumado "na última hora" era "estranha", pois os organizadores haviam reunidos "todos os documentos necessários, inclusive o certificado do Departamento de Polícia Federal, o da Censura Federal, do Juizado de Menores e também a cessão do autódromo, assinado pelo secretário de Esportes, Paulo Machado de Carvalho, e pelo prefeito Miguel Colasuonno". Outro motivo alegado, pela Secretaria de Segurança Pública, "foi de procurar evitar os fatos que se sucederam em Iacanga, no Festival de Águas Claras se repetissem em Interlagos" (*Folha de S. Paulo*, 31/03/1975).

Carlos A Gouvêa ainda trazia para o leitor, num tópico da matéria denominado "Os documentos", uma série de relatos e pormenores acerca dos documentos que se encontravam nas repartições públicas estaduais, municipais e federais, assim como nas mãos dos organizadores, como de Isenção de Impostos, assinado pelo prefeito Miguel Colasuonno, em 18 de março de 1975 concedendo a isenção; o alvará do Juizado de Menores número 1090/75/SE, permitindo o ingresso para maiores de 14 anos; um documento assinado, em 10 de março de 1975, pelo secretário de Esportes, Paulo Machado de Carvalho, afirmando estar de acordo com a seção do autódromo e com a recomendação para que os organizadores do festival pudessem entrar em contato com a concessionário de energia, Light, para que se instalasse "torres de força"; os alvarás da Censura Federal, do Departamento da Polícia Federal, do Ministério da Justiça, com respectivas aprovações em 25 de março, para a realização do evento. Relatava também um documento assinado pelo assessor de Imprensa do Gabinete do Prefeito, Dirceu Coutinho, autorizando a montagem do palco na curva da Ferradura do autódromo, assim como, a autorização da abertura dos portões até o encerramento; assim como a Taxa de Licença da Prefeitura; ingressos chancelados pela município da cidade. E, por fim, destacava outro documento, "e a alegação final da TV Tupi: 'Show de Rádio não é da alçada do Departamento de Diversões Públicas'" (*Folha de S. Paulo*, 31/03/1975). Carlos Gouvêa deixava bem explícito em seu texto que o festival foi proibido por qualquer outro motivo, mas menos por falta de documentação.

Em outra coluna assinada por Carlos Gouvêa, defensor tanto cena roqueira quanto exigia

profissionalismo de músicos e promotores de show, e, conseqüentemente, do rock brasileiro, intitulada "A inércia de nosso rock", o jornalista tecia críticas para várias frentes do universo roqueiro. Das bandas e cantores de rock, acusadas pelo crítico pela suposta falta de profissionalismo aos promotores de concertos de rock. As críticas se concentraram sobretudo aos organizadores do Festival de Iacanga de 1975. Segundo Gouvêa:

Recapitulando, o festival de Interlagos foi proibido pela Secretaria de Segurança Pública do Estado, sob a alegação de que "não poderia permitir que os acontecimentos de Iacanga (Águas Claras) se repetissem". Quando criticamos a organização daquele festival, fomos alvo de inúmeras acusações por parte dos músicos do rock tupiniquim, pois todos acharam aquele festival, segundo seus próprios termos, "um barato". Como todo barato sai caro, o troco veio provar a verdade, e, infelizmente, por fontes de segurança oficial (Folha de S. Paulo, 14/04/1975).

Carlos Gouvêa ainda tecia mais críticas à suposta falta de profissionalismo de promotores de eventos de rock, aliás, tal postura, segundo sua visão, ajudava a afundar o rock brasileiro. E mais, conforme o crítico musical, "Em Iacanga, por falta de organização e segurança, foram lavrados cerca de 200 flagrantes, a maioria por porte ou tráfico de drogas. Segundo informações oficiosas haveria uma proibição da Secretaria de Segurança Pública, não permitindo qualquer festival ao ar livre onde a polícia não puder manter o controle". Carlos Gouvêa não poupou críticas e nem se isentou de apontar os supostos culpados, a ser seu, obviamente, pelo cancelamento de outros festivais, como o Hallelujah, em Interlagos: "Isso se deve a quê? A quem? Aos "organizadores" do festival de Águas Claras, que conseguiram, além do fracasso financeiro (foi proposto aos conjuntos como forma de pagamento um jantar (?), mediocrizar o nome do rock" (Folha de S. Paulo, 14/04/1975). Conforme o jornalista,

Essa proibição das autoridades ligou o Rock ao tráfico de entorpecentes, o que não é real. Não vale a pena falar sobre o óbvio, que rock é música, música é arte, entretenimento, etc. etc. Mas essa ligação, inexistente, serviu apenas para prejudicar o movimento rock, pois muitos anunciantes cancelaram patrocínios para os shows já fechados (Folha de S. Paulo, 14/04/1975).

Gouvêa ainda cita em sua coluna, o jornalista Nelson Motta, que teria, segundo ele, agendando para Erasmo Carlos e Rita Lee cerca de quarenta shows pelo interior paulista, mas que, no entanto, foram cancelados devido ao cancelamento de uma patrocinadora. Segundo Gouvêa, "Uma fábrica de cigarros que havia assinado contrato com o produtor retirou o patrocínio alegando que não queria ver o nome da indústria ligado à drogas" (Folha de S. Paulo, 14/04/1975).

O segundo caso se refere ao Hollywood Rock. Em meados da década de 1970, o jornal carioca *O Globo* contratou o jornalista, crítico e produtor musical Nelson Motta para escrever no "Segundo Caderno". Motta já era funcionário das Organizações Globo desde 1968 e começara como comentarista no *Jornal de Verdade*, além de trabalhar como repórter em eventos musicais. Em 1969, o jornalista foi o responsável pela seleção e organização da trilha sonora para a novela *Véu*

de noiva, de Janete Clair. Nelson Motta foi também o organizador do primeiro Hollywood Rock que ocorreu no início de 1975, na cidade do Rio de Janeiro. O cartaz oficial dos shows roqueiros da época anunciava “demorou, mas pintou”, e divulgava os espetáculos de música como “o primeiro grande evento do rock brasileiro”. Durante quatro sábados, o festival contou com atrações nacionais como Raul Seixas, Mutantes, Veludo, O Terço, O Peso, Vímana, Erasmo Carlos, Celly Campello e Rita Lee & Tutti Frutti.

Nelson Motta refletiu, anos mais tarde, sobre a experiência de organizar um festival de rock nesse período turbulento.

Se tivesse um pingo de maturidade, jamais teria feito. Para montar um festival de rock ao ar livre, na época da ditadura, foi preciso ultrapassar milhares de empecilhos, retirar licenças, pedir dezenas de autorizações. Teria sido melhor desistir. Os militares tinham pavor de que os presentes pudessem gritar “abaixo a ditadura” durante o show e aquilo virasse um comício. Não queriam ajuntamento. E o nosso objetivo era exatamente este: ajuntamento em um festival de rock (CLEMENTE, 2004, p. 45-46).

O mesmo Festival Hollywood Rock foi objeto de espionagem por meu membro do regime militar. E a preocupação do agente com as drogas e o resultado dessa relação marcou as tintas de seu relatório. Aliás, a tal chamada “doutrinação” comunista e obsessão dos agentes do regime militar brasileiro com o fantasma do comunismo tão presente e real na época – que parece ter voltado com força e vigor nos últimos anos – foi uma marca do relatório do agente.

O Relatório 002, emitido em fevereiro de 1975 pelo DOPS da Guanabara, conclui que o Festival *Hollywood Rock*, produzido por Nelson Motta, era uma grande celebração da “atração ilegal”. O informante conta que, depois do show dos Mutantes, “a maioria dos jovens fez uso de cigarros, pelo modo com o qual os manipulavam, dava a nítida impressão de tratar-se de maconha”. Segundo o comissário Deuteronômio Rocha dos Santos, o evento servia para o “aliciamento, envolvimento e dependência química da juventude, tornando-a escrava da droga para, mediante chantagem e comprometimento, formá-la como novos informantes e agentes fiéis do comunismo” (*Super Interessante*, nov. 2004).

A maconha para o agente da ditadura militar era um meio – ou uma ponta – para o aliciamento e dependência dos jovens, tornando-os escravos da droga e em fiéis agentes da ideologia da foice e do martelo. Sendo assim, os jovens, ao fumarem maconha, não teriam, por alguns momentos, apenas os olhos vermelhos, mas seriam fielmente membros da ideologia da bandeira vermelha.

Cabe uma importante reflexão a respeito dos relatórios dos agentes oficiais das ditaduras portuguesa e brasileira. À medida que o regime do Estado Novo em Portugal, sob o governo de Marcelo Caetano, apresentava seu desgaste e chegava ao seu fim, questões de censura ligadas à moral e aos costumes perdiam sua força. No Brasil, embora a censura e a repressão se mantivessem presentes, a partir do governo de Ernesto Geisel e sua política de abertura “lenta, gradual e segura”, o mesmo processo de censura aos costumes e moralidade começou a arrefecer, timidamente, tam-

bém. Mas se a censura aos costumes e à moralidade infringente aos padrões considerados ideias para a época, segundo a ótica de ambos governos e sociedades, por que então os dois relatórios dos agentes das ditaduras deram ênfase justamente às questões referentes às práticas sociais e comportamentais?

Em Portugal, Marcelo Caetano lembraria anos mais tarde, que durante seu governo ele havia assistido “ao espetáculo de uma burguesia a desmorrar-se a partir de suas bases morais, com uma Igreja em crise, meios de comunicação cada vez mais infiltrados por elementos esquerdistas e agitação acadêmica (...)” (apud RAMOS, 2009, p.702). O que estava ocorrendo era o fortalecimento da esquerda política, da classe média e do campo cultural. No Brasil, vale lembrar que o sufocamento e repressão aos órgãos e entidades de esquerda, seja estudantil, seja via partidária, vinha desde o Golpe civil-militar de 64, e, sobretudo com o AI-5 o governo militar enfraqueceu em demasia a ala esquerdista do país. Como já dissemos, a partir do governo de Geisel, o processo a passos lentos de abertura davam seus primeiros sinais. Desse modo, questões ligadas à política em si, ou seja, de movimentos e partidárias não apresentaram visivelmente e com a força necessária para ser digna de nota pelos agentes nos festivais.

Mesmo com certa aceitação e arrefecimento da censura moral, os agentes dos órgãos oficiais de ambos os governos se concentraram justamente em questões de costumes e comportamento para tentar, supostamente, justificar suas presenças em tais eventos roqueiros e intrinsecamente seu afirmar seus ofícios de investigação. Em linhas curtas e diretas: era necessário apresentar relatórios convincentes, mesmo que para isso, como o caso brasileiro, associasse maconha com ideologia comunista e, no caso, português fosse necessário detalhar cenas de sexo, por exemplo. Outro ponto a se considerar, está no próprio *habitus* dos agentes dos órgãos de investigação, ou seja, permeados por ideias, senso comuns, visões de mundo e estereótipos e, sobretudo, pelo poder que esses órgãos de aparatos investigativos lhes proporcionavam, os agentes investigativos relatavam as situações de comportamento e de moralidade a partir de uma ótica/poder privado e de suas referências.

No mesmo ano que organizou um festival de *rock* na cidade do Rio de Janeiro, Nelson Motta publicou um texto em sua coluna denominado “Yes, nós temos banana. Até bananas progressivas”, à qual, tanto no título quanto num trecho do texto, fazia alusão ao quinteto de rock progressivo inglês Yes. Nunca é demais destacar que tanto o texto de Nelson Motta quanto a realização do Hollywood Rock foram produzidos em 1975, período ditatorial. Em sua coluna do dia 29 de junho de 1975, o jornalista, ao comentar sobre a carreira e o lançamento do último disco de Rita Lee, *Fruto Proibido*, destacou sobre as acusações que estavam acontecendo aos eventos de rock em São Paulo, aliás, refere-se, possivelmente, às críticas feitas por Carlos Gouvêa da *Folha de S. Paulo*.

Falar de empresários desonestos? De concertos desorganizados? De música pouca criativa? É muito necessário. **Como também é necessário dizer que é absurda a campanha sistemática que existe em São Paulo contra o rock sob as acusações igualmente absurdas de “corrupção da juventude”, “incentivo aos tóxicos”, “nocivo”, “perigoso”.** Um público de rock não difere basicamente dos outros públicos de espetáculos no Brasil. É um público obviamente jovem, mas o mesmo público que pode ser encontrado entre os jovens que lotam o estádio do Maracanã para o futebol; com o mesmo “bom” ou “mau” comportamento (O Globo,

29/06/1975, grifo nosso).

Cabe uma pergunta: em que se baseava as críticas do jornalista Nelson Motta, sobretudo a respeito da associação entre *rock* e drogas feita em São Paulo? Seu interesse era apenas mercadológico, tendo em vista que escrevia e promovia eventos de *rock*? É cabível e bem possível que essa variante fizesse parte da defesa de seu objeto (*rock*). Conscientemente ou não, o que estava em jogo também, e por esse viés que desenvolvemos nosso texto, era a representação que associava eventos, shows e/ou mesmo *rock* com drogas, ou seja, *rock* como sinônimo de drogas. Como destacava Nelson Motta, a “absurda a campanha sistemática que existe em São Paulo contra o *rock* sob as acusações igualmente absurdas de “corrupção da juventude”, “incentivo aos tóxicos”, “nocivo”, “perigoso” (*O Globo*, 29/06/1975).

Como pode ser percebido, nem toda matéria dos periódicos buscavam relacionar *rock* com drogas, como vimos as críticas de Nelson Motta e nas de Carlos Gouvêa, por exemplo, dentre outras. Para corroborar esse efeito, basta ler também a matéria de Jorge Ribeiro, publicada, em 27 de agosto de 1970, no jornal *Diário Popular*. Enviado especial para cobrir o Festival de Wight, na ilha de nome homônima, Inglaterra, Ribeiro escreveu a matéria: “Duzentos mil jovens são o autêntico Festival de Wight: entre guitarras, sacos de dormir, exotismo... e alegria de viver”. O que a matéria destacava era a meticulosa organização do evento, o entusiasmo dos espectadores, a gama de músicos na programação. Vale acrescentar que na mesma página da matéria de Jorge Ribeiro, o *Diário Popular* também publicou com letras também em destaque “Polícias querem passar por hippies e duzentos sacerdotes”. Nesta destacava que “detetives disfarçados com longas cabeleiras postiças para se fazerem passar por *hippies* misturavam-se com dezenas de milhares de jovens que estão a assistir ao Festival de Música pop nesta ilha”. Segundo a matéria, no primeiro dia do festival, em que entrada fora gratuita, os policiais disfarçados prenderam cerca de 10 jovens por uso de estupefacientes e mais três por roubarem lojas. E os duzentos sacerdotes citados no título da matéria? Esses eram os sacerdotes de diversas religiões que compareceram ao local para “prestarem auxílio a quem precisasse” (*Diário Popular*, 27/08/1970).

Em outra matéria de Jorge Ribeiro intitulada “Música, cor e fantasia no Festival da Ilha de Wight”, publicada em 29 de agosto de 1970, no mesmo periódico, o correspondente traçava algumas linhas sobre o evento, a organização, a festividade, o público, por exemplo. Ribeiro destacava que havia mais de 200 mil pessoas no festival, incluindo muitas crianças de 3 e 4 anos de idade, “vestidas à *hippies*”. Outro ponto que Jorge Ribeiro comentava era os serviços oferecidos ao espectadores, desde tendas para “consolo espiritual” ao serviço que chamou sua atenção, “centros de drogas”. Esse espaço contava com médicos e psiquiatras preparados para prestar socorros aos participantes que necessitavam de cuidados devido ao uso excessivo de drogas (*Diário Popular*, 29/08/1970). Segundo Ribeiro,

O problema mais grave, e que mais preocupa a polícia é exatamente esse. Mas deve também evitar-se exagerar a sua importância, porque a grande maioria dos jovens, aqui na ilha toma drogas e, até o momento, segundo informações que consegui obter, o número daqueles que tiveram que receber tratamento médico não chega à dezena

(*Diário Popular*, 29/08/1970).

Por fim, vale destacar a matéria de Júlio Hungria, do *Jornal do Brasil*, em uma coluna intitulada "Rock permitido", em que resume muito bem a discussão e associação/representação entre rock e drogas. Tal quebra de estereótipo e criminalização do universo roqueiro vem representado por um comitê britânico que estudou, devido às queixas sobre os festivais de rock, a associação entre rock, violência, distúrbios e drogas. Júlio Hungria comentava para seu leitor uma pesquisa realizada pelas autoridades do Parlamento britânico após receberem queixas de alguns setores da sociedade inglesa contra os festivais e concertos de rock ao ar livre, em parques ou em campos. Segundo Júlio Hungria, o Parlamento organizou uma comissão, chefiada por Denis Stevenson, do Ministério do Meio Ambiente, para "investigar os chamados festivais pop, a multidão que eles reúnem e os males e possíveis benefícios que causam" (*Jornal do Brasil*, 05/09/1973). O caso, que ficaria conhecido como Relatório Stevenson, trazia, por exemplo, as queixas como "depredação de locais públicos e incentivo à licenciosidade". Ademais, um xerife de Londres chegou a interditar o Hyde Park sob a alegação que o último concerto da banda Pink Floyd, os assistentes "inundaram o local com detritos de toda espécie, em desrespeito frontal aos princípios básicos de preservação de propriedade pública". É importante destacar que, tal interdição adotada pelo xerife foi considerada inédita na "tradição britânica de respeito à liberdade dos parques" (*Jornal do Brasil*, 05/09/1973).

As discussões acerca do Comitê Stevenson ganharam notoriedade em terras britânicas, chamando atenção desde músicos, fãs, produtores, empresários e pela imprensa em geral, inclusive a rede de televisão BBC. O crítico ressaltava que a decisão não "surpreendeu quem conhece bem a estrutura britânica de sociedade":

Foi completamente favorável aos festivais, que são "um direito lógico e assegurado", com apenas algumas recomendações, como "melhoria do sistema médico-sanitário". O relatório refuta todas as acusações como improcedentes: o problema da droga existe independente de festivais, e "há mais violência numa partida de futebol que num show pop". "O público desses espetáculos é calmo e ordeiro, e jamais quebrou uma janela dos trens que o transportam, ao contrário dos fãs de futebol". E quanto à licenciosidade, diz o mesmo, "nossos parques são habitualmente poços de iniquidade comparados com o que acontece nos festivais de rock" (*Jornal do Brasil*, 05/09/1973).

As pesquisas e as investigações que o Comitê Stevenson realizou refutaram todas as acusações feitas por diversas categorias sociais. Refutaram as críticas as de ordem penal, como uso de drogas; as de ordem moral como associar rock e festivais do gênero com violência e desordem, como se uma coisa fosse, necessariamente, sinônimo de outra.

A coluna de Júlio Hungria, escrita ainda nos anos de chumbo da ditadura brasileira, também serviu de mote para o jornalista elogiar a política britânica e, especialmente, a liberdade que se vivia no país. O crítico musical iniciava sua coluna com os seguintes elogios: "Se é verdade que se pode medir o estágio de civilização de um povo por seu respeito às liberdades do indivíduo, então o caso do Relatório Stevenson, na Inglaterra, é bastante significativo para o respeito que se tem por aquele

país" (*Jornal do Brasil*, 05/09/1973).

Considerações finais

Os festivais foram formas e locais de divulgação, propagação e catalisação de expressões de comportamento jovem e de sociabilidade. Duas representações, uma que destacava a associação entre *rock* e drogas e na margem oposta outra que visava refletir e quebrar tal estereótipo disputaram espaço nas páginas dos jornais. Embora algumas matérias que relacionavam drogas, festivais e *rock* tenham sido publicadas em algumas matérias jornalísticas, a questão das drogas foi e é uma temática que está muito além da mera associação com o campo musical. Conforme já destacaram e rechaçaram alguns críticos, o problema e a discussão das drogas não é da ordem musical, mas social e comportamental que a sociedade precisava e precisa refletir. Como bem destaca, tanto Nelson Motta (*O Globo*, 29/06/1975) e o relatório denominado como Steverson (*Jornal do Brasil*, 05/09/1973), a questão das drogas existe independente dos festivais e do *rock*. É importante destacar que nem toda matéria e jornalista, como vimos, buscou representar *rock* com drogas. O que buscamos refletir neste artigo, foi justamente as disputas em torno de representações acerca do *rock* e festivais durante os períodos de regimes autoritários em Portugal e Brasil.

Em muitos aspectos, tal aglomeração era espaço político, de reivindicações e críticas às autoridades, sobretudo em regimes autoritários. Como destaca Marcos Napolitano, a "capacidade de aglutinação de pessoas em torno dos eventos musicais era uma das preocupações constantes dos agentes da repressão" (NAPOLITANO, 2004, p. 105). Reflexão que pode ser corroborada pela memória do jornalista Nelson Motta, "os militares tinham pavor de que os presentes pudessem gritar "abaixo a ditadura" durante o show e aquilo virasse um comício. Não queriam ajuntamento. E o nosso objetivo era exatamente este: ajuntamento em um festival de *rock*" (CLEMENTE, 2008, p. 45-46). Em Portugal, a preocupação de um agente da DGS com o comportamento social e moral, como atos sexuais e uso de entorpecentes, como o anseio de protestos políticos deram a tônica de seu relatório. Conforme Ana Rocha e Fernando Rodrigues, aproveitava-se em terras lusitanas, no período ditatorial, os momentos de grande reunião de pessoas "para se distribuir propaganda antiregime, anticolonialista. Os concertos correspondiam a momentos de libertação de uma grande tensão vivida por uma geração mais enquadrada em esquemas repressivos do que a actual geração (...)" (ROCHA; RODRIGUES, 1983, p. 20). Mesmo com certa aceitação e arrefecimento da censura moral, tanto em Portugal quanto no Brasil, os agentes dos órgãos oficiais de ambos os governos investiram sua atenção em questões de costumes e comportamento em seus relatórios. Situações que podem ser lidos tanto pelo poder que os agentes carregam e exerciam, fato que os levavam a analisar e julgar o mundo/acontecimentos a partir de seus *habitus*, quanto pela necessidade de validar e corroborar a importância de seus ofícios de investigação.

Outro ponto a ser destacado sobre a função social dos festivais e grandes shows, diz respeito ao entretenimento, de lazer e diversão. Muitos eventos eram, principalmente para a parcela jovem presente, um mecanismo de aproximação, de reconhecimento e pertencimento enquanto grupo social. Como destacam Ana Rocha e Fernando Rodrigues,

Na medida em que a música é uma linguagem, ela é também um instrumento de solidariedade social. E como se trata de um sistema de signos onde se inclui também a afectividade e a empatia, a solidariedade que ela realiza é ainda maior. Ela é facto de coesão social que funciona durante o concerto, paralelamente a outros factores de coesão – nível de ordem sócio-afetiva, atractivo de um fim comum, atractivo da pertença ao grupo, jogo de afinidades pessoais, etc” (ROCHA; RODRIGUES, 1983, p. 23).

Por fim, destacamos outro ponto importante. Em tempos de ditadura, repressão política, ao corpo, ao comportamento, enfim, à cultura, os festivais e tudo que girava em torno dos eventos, inclusive, o uso de entorpecentes por uma parcela de espectadores, eram válvulas de escape da vida cotidiana, uma fuga da realidade. Novamente nos alicerçamos nas reflexões de Ana Rocha e Fernando Rodrigues,

A função de evasão da realidade (todos nós sentimos a necessidade de fuga a uma situação social constrangedora) é uma das primeiras respostas que encontro, quando tento esclarecer a função dos espetáculos (no sentido funcionalista do termo): Que necessidade satisfazem? Para que servem? – As respostas seguintes vão numa linha muito complementar à sua primeira – o espetáculo actua como uma compensação feérica de um dia-a-dia monótono; funciona ainda como distracção e alheamento relativamente às preocupações (ROCHA, RODRIGUES, 1983, p. 10-11).

Referências bibliográficas

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CHACON, Paulo. **O que é rock**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).

CLEMENTE, Ana Tereza (org.). **Que rock é esse?**: a história do rock brasileiro contada por alguns de seus ícones. São Paulo: Globo, 2008.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. **Rock cá, rock lá**: a produção roqueira no Brasil e em Portugal na imprensa, 1970/1985. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2018.

HERNANDEZ, Deborah Pacini; L’HOESTE, Hector Fernandez; ZOLOV, Eric (orgs.). **Rockin’ las America**: the global politics of rock in Latino America. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2004.

FLÉCHET, Anaïs. Por uma história transnacional dos festivais de música popular. Música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1970. **Patrimônio e Memória** (Unesp), v. 7, n. 1, p. 257-271, jun. 2011.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll: uma história social**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAXWELL, Kenneth. **A construção da democracia em Portugal**. Lisboa: Presença, 1999.

MERHEB, Rodrigo. **O som da revolução: uma história cultural do rock, 1965/1969**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MUGGIATI, Roberto. **Rock, o grito e o mito: a música pop como forma de comunicação e contracultura**. Petrópolis: Vozes, 1981.

NAPOLITANO, Marcos. Os festivais da canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968). In: REIS, Aarão et. al. **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)**. Bauru: EDUSC, 2004.

ROCHA, Ana; RODRIGUES, Fernando Peres. **Rock Stars: cinco anos de rock em Portugal**. Lisboa: Circuito de Leitores, 1983.

SAGGIORATO, Alexandre. **Anos de chumbo: rock e repressão durante o AI-5**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Programa de Pós-Graduação em História, Passo Fundo, 2008.

SHUKER, Roy. **Vocabulário de música pop**. São Paulo: Hedra, 1999.

SIRINELLI, Jean-François. L'événement-monde. Vingtième siècle. Revue d'histoire, 2002.

WHITELEY, S. **The space between the notes: rock and the counter-culture**. London: Routledge, 1992.

Fontes

Diário de Notícias. Um festival de "underground music". Diário de Notícias, Lisboa, 10 jan., 1970.

_____. O fim dos Beatles. **Diário de Notícias**, Lisboa, 14 abr., 1970.

_____. Outro festival de rock que promete... **Diário de Notícias**, Lisboa, 9 ag., 1970.

Folha de S. Paulo. Um morto e muitos presos num festival de rock. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1º. jan., 1970.

GOUVÊA, Carlos A. Halleluiah, o festival proibido. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 mar., 1975.

_____. A inércia do nosso rock. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 abr., 1975.

HUNGRIA, Júlio. Rock permitido. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 5 set., 1973.

MACIEL, Luiz Carlos. Malditos por opção. **Super interessante**: o rock brasileiro anos 70. São Paulo, edição especial, v. 2, nov. 2004, p. 55-61.

MOTTA, Nelson. Yes, nós temos banana. Até bananas progressivas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 jun., 1975.

PERROT-MINOT. Drogas nos EUA: uma nova religião para milhares de adolescentes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 jan., 1970.

RIBEIRO, Jorge. Duzentos mil jovens são o autêntico Festival de Wight: entre guitarras, sacos de dormir, exotismo... e alegria de viver. **Diário Popular**, Lisboa, 27 ag., 1970.

_____. Música, cor e fantasia no Festival da Ilha de Wight. **Diário Popular**, Lisboa, 29 ag., 1970.

RECEBIDO EM: 18/07/2019

APROVADO EM: 30/09/2019